

EPICTETO: DIATRIBES 1.29 e 1.30 – UMA SÍNTESE DA FILOSOFIA EPICTETIANA DAS *DIATRIBES*

Aldo Dinucci (Archai – Viva Vox - UFS)

Epicteto, um dos grandes nomes do Estoicismo Imperial, entre os quais se incluem Sêneca, Musônio Rufo e Marco Aurélio, nasceu no ano 55, em Hierápolis, na Frígia, e morreu por volta de 135, em Nicópolis, antiga cidade localizada na entrada do Golfo Ambraciano, no Épiro. Filho de uma serva, recebeu um nome que era comumente dado a servos na Antiguidade e que significa “adquirido”. Epicteto mesmo nada escreveu. Tal tarefa coube a Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, cidadão romano de origem grega, que compilou (possivelmente com auxílio da taquigrafia) suas aulas em oito livros (*As Diatribes de Epicteto*), dos quais quatro sobrevivem, e constituiu o *Encheirídion de Epicteto*, um breviário de princípios morais epicteteanos.

As diatribes 1.29 e 1.30 encerram o livro primeiro das *Diatribes de Epicteto* e nos oferecem uma síntese da filosofia de Epicteto. Em 1.29.1, Epicteto nos diz que a essência (*ousia*) do bem do ser humano “é uma capacidade de escolha de certa qualidade”, isto é, a escolha disposta de certa maneira. Por essa definição, todas as demais coisas que se encontram fora do âmbito da escolha e, conseqüentemente, do bem humano são somente materiais para a escolha (1.29.2), a partir dos quais ela construirá seu próprio bem ou seu próprio mal. Temos aí posta de outra forma a distinção entre coisas sob nosso encargo e coisas que não estão sob nosso encargo (*eph'hemin kai ouk eph'hemin*), sobre qual Epicteto trata detidamente em diatribe 1.1 e no primeiro capítulo do *Encheirídion*¹.

¹ Tal distinção, ao contrário do que muitos pensam, aparece primeiramente em Musônio Rufo, o professor de Epicteto (CF. Musônio, Fragmento 38 – Hense – Dinucci, 2012)

A escolha se disporá corretamente e será boa se der assentimento a opiniões retas (1.29.3). Isso porque a partir das opiniões retas produzirá juízos de valor acertados sobre as coisas externas e internas.

Epicteto ilustra esse processo com uma apóstrofe. Evocando um tirano, ele mostra que as ameaças deste atingem não o homem em sua dimensão moral, mas em sua dimensão física (1.29.5-14). Isso quer dizer que o que quer que nos ameace externamente não tem por si só o poder de nos submeter moralmente: o elemento final e decisivo para a submissão às coisas externas é a faculdade de escolha que, por conceder valor às coisas externas, se submete.

Isso não quer dizer que a escolha bem exercida possa eliminar a dor física e coisas do gênero. A escolha bem exercida, outrossim, relativizará a dor, não concedendo a ela valor por si, mas, por exemplo, concedendo valor ao enfrentamento da dor em nome de alguma coisa à qual se dá valor maior.

Epicteto adverte que esse modo de pensar não é evidente para os muitos. Por isso, é preciso buscar persuadir a si mesmo sobretudo e não criticar os que se encontram no nível do senso comum (1.29.31-32). Se não for possível dissuadir alguém quanto a isso por falta de poder de persuasão próprio, é preciso respeitar o outro, ou externamente assentido à opinião dele, ainda que torta, ou guardando silêncio. Com essas reflexões nosso estoico encerra a diatribe, mencionando o exemplo de Sócrates que respeitou as lágrimas do guardião que chorava por sua morte próxima (1.29.64-66).

A diatribe 1.30, por sua vez, é uma breve apóstrofe na qual Epicteto dá voz a Deus que, questionando um aluno de Epicteto, lhe indaga sobre as coisas que aprendeu na escola, especificamente estas acabamos de mencionar e que Epicteto comenta na diatribe 1.29, ou seja: o próprio cerne do pensamento epictetiano. O exílio, a prisão, as cadeias, a morte e a má reputação são indiferentes, coisas não passíveis de escolha e que não têm valor por si, mas que constituem material para mostrarmos nosso valor. Ao fim da diatribe, Deus conclama o jovem a enfrentar valorosamente as dificuldades e pôr em ação o conhecimento adquirido na escola.

De fato, em 1.29.33-40, é sobre justamente isso que Epicteto fala, observando que o neófito deve encarar as dificuldades como o lutador que busca um oponente forte para treinar. Em 1.29.59, Epicteto afirma que o mestre do ser humano não é outro ser humano, mas a morte, a vida, o prazer e a dor. Daí a precisão de ver essas coisas como realmente são, como desprovidas de valor por si, como oportunidades para mostrarmos nosso próprio valor.

Realizamos a tradução diretamente a partir do texto grego e, a seguir, cotejamos nosso trabalho com as melhores traduções disponíveis das *Diatribes de Epicteto*, dando especial atenção às de Georg Long (1890), Oldfather (1928), Dobbin (2006) e de Souilhé (1962).

Diatribes 1.29 – Sobre a serenidade²:

(1) A substância do bem é uma capacidade de escolha de certa qualidade³. <A substância> do mal é uma capacidade de escolha de certa qualidade. (2) Então o que são as coisas externas? Materiais⁴ para a capacidade de escolha que, segundo seu comportamento quanto a elas, construirá⁵ seu próprio bem ou mal. (3) Como construirá seu bem? Se não admirar os materiais⁶. Pois as opiniões sobre os materiais, se forem retas, tornam boa a capacidade de escolha; mas se forem tortas e distorcidas, <tornam-na> má. (4) Deus estabeleceu essa mesma lei e disse: “Se quiseres um bem, toma-o de ti mesmo”⁷. Tu dizes: “Não, o tomarei de outro”. Não, toma-o de ti mesmo! (5) De hoje em diante, quando o tirano me ameaçar e me acusar, eu direi: “A quem ele ameaça?” Se ele disser “Acorrentar-te-ei”, eu direi “Ele ameaça as pernas e os pés”. Se ele disser “Decapitar-te-ei”, eu direi “Ele ameaça o pescoço”. (6) Se ele disser “Lançar-te-ei na prisão”, eu direi “Ele ameaça meu diminuto corpo⁸ por inteiro”. E se me ameaçar com o exílio, a mesma coisa.

– (7) Mas nada te ameaça?

– Se eu sentir⁹ que nada é em relação a mim, não. (8) Porém, se eu temer algumas dessas coisas, ele me ameaçará. O que, de resto, receio? Aquele que é mestre delas? E das que estão sob meu encargo? Nenhum <senhor> há. E das que não estão sob nosso encargo? E em que elas me importam?

² *Eustatheia*.

³ Aqui, alguns tradutores parafraseiam. Dobbin traduz a frase assim: “The essence of the good is a certain kind of moral character”. Souilhé vai mais longe e traduz assim: “L’essence du bien est un état déterminé de la personne”. Já Georg Long (seguido *ipsis literis* por Oldfather) verte a frase assim: “The being (nature) of the Good is a certain Will; the being of the Bad is a certain kind of Will”.

⁴ O termo aqui é *hylai*, plural de *hyle*, que significa literalmente “floresta”, donde “madeira cortada” e, no plural, como aqui, “recursos materiais”.

⁵ O verbo aqui é *teucho*, que significa literalmente “fazer”, “produzir com arte” (a partir de coisas materiais), donde nosso “construir”.

⁶ Cf. Horácio, *Epístolas*, 1.6; MAA 1.15; 12.1; Sêneca, *Da vida feliz*, 3.

⁷ *Ei ti agathon theleis, para seautou labe*.

⁸ *Sarkidion*: diminutivo de *sarx* (“carne”).

⁹ O verbo aqui é *pascho*.

– (9) Então vós, os filósofos, ensinais a desprezar os reis?

– De modo algum! Quem entre nós ensina a reivindicar as coisas sobre as quais eles têm poder? (10) Toma o diminuto corpo. Toma as posses. Toma a reputação. Toma as coisas que estão ao meu redor. Se eu venço a reivindicar algumas delas, me acusa disso.

– (11) Sim, contudo também quero comandar as opiniões.

– E quem te deu esse poder? Como se pode vencer a opinião de outrem?

– (12) Venço, diz <o tirano>, impondo-lhe o medo.

– Ignoras que ele vence a si mesmo, não é vencido por outro. Nada pode vencer a capacidade de escolha, exceto ela mesma. (13) Por isso a lei de Deus também é a melhor e a mais justa: “O mais forte sempre prevalece sobre o mais fraco”.

– (14) Dez são mais fortes do que um.

– Em relação a que? Em relação a acorrentá-lo, em relação a matá-lo, em relação a levá-lo para longe quando desejam, em relação a tirar-lhe as posses. Portanto, nisso dez vencem um, nisso são mais fortes.

– (15) Mas em que são mais fracos?

– Se aquele único possuir opiniões retas e eles não. E então? Nisso podem vencer? Como? Se os pusermos sobre uma balança, não é preciso que a balança penda para o lado mais pesado?

– (16) Então foi preciso que Sócrates sofresse aquelas coisas dos atenienses?

– Prisioneiro! Por que dizes “Sócrates”? Diz o fato como é! Que o diminuto corpo de Sócrates sofreu e foi arrastado pelos mais fortes para a prisão¹⁰, e que alguém deu a cicuta¹¹ ao diminuto corpo de Sócrates, e que esse corpo feneceu. (17) Essas coisas parecem admiráveis? Parecem injustas? Por elas acusarás Deus? (18) Mas Sócrates nada tinha para opor a elas? Onde estava a substância do bem dele? A quem vamos dar ouvidos: a ele ou a ti? E o que diz ele? “Ânito e Meleto podem me matar, mas não podem me causar dano”¹². E novamente: “Se assim é desejado pelos Deuses, que assim seja”¹³. (19) Demonstra, pois, que quem possui opiniões piores governa quem é melhor em opiniões. Não demonstrarás. Nem chegarás perto. Pois esta é a lei da natureza e de Deus: que o mais forte sempre prevaleça sobre o mais fraco. Em que? No

¹⁰ *Desmoterion*.

¹¹ *Koneion: conium maculatum* (cicuta).

¹² Cf. Platão, *Apologia*, 30. Com essa frase encerra-se o *Encheiridion de Epicteto* (E, 53). Cf. D 1.4.24; 3.22.95; IV.4.21

¹³ Cf. Platão, *Crítion*, 43. Essa frase também está presente no último capítulo do *Encheiridion*. Cf. D 2.2.25; 3.23.21.

que é mais forte. (20) Um corpo é mais forte que outro. Muitos são mais fortes que um. Um ladrão é mais forte que quem não é. (21) Por isso também eu perdi a minha lâmpada¹⁴: porque o ladrão era melhor que eu quanto a passar a noite em claro¹⁵. Mas ele comprou a lâmpada por um alto preço: tornou-se ladrão em troca da lâmpada, tornou-se desleal em troca da lâmpada, tornou-se fera em troca da lâmpada. Isso lhe pareceu vantajoso.

– (22) Que seja! Entretanto, alguém me pega pela toga e me arrasta para a ágora. Então, outros gritam para mim: “Filósofo, para que te foram vantajosas as opiniões? Eis que és levado para a prisão, eis que estás para ser decapitado!”

– (23) E que tipo de *Introdução*¹⁶ eu comporia para que o mais forte não me agarrasse pela toga e me arrastasse? Para que, se dez metessem as mãos em minha toga e me levassem à força para a prisão, eu não fosse aí colocado? (24) Nenhuma outra coisa aprendi? Aprendi que, para tudo o que ocorre, se não for passível de escolha, nada é para mim. (25) Isso não me é útil em relação àquilo? Por que busco a utilidade em outra coisa que não nisso que aprendo? (26) Então, sento-me na prisão e digo: “Aquele que grita¹⁷ essas coisas nem sabe o que significa nem compreende o que foi dito, nem absolutamente ocupou-se em saber, sobre os filósofos, o que dizem ou o que fazem. Deixa-o”.

– (27) Sai, pois, da prisão!

Se não te for mais útil que eu permaneça na prisão, saio. Mas se te for útil, nela entrarei novamente.

– (28) Até quando?

– Até quando a razão escolher unir-me ao diminuto corpo. Quando escolher diferentemente, toma-o e adeus¹⁸. (29) Só não <farei isso> de modo irracional, por fraqueza, por um pretexto casual. Pois, de novo, Deus não o quer. Pois são úteis para ele este Cosmos e tais habitantes nele¹⁹. Porém, se ele me enviar um signo para que eu volte, como para Sócrates, me é preciso obedecer ao signo do general²⁰.

– (30) E então? É preciso dizer essas coisas aos muitos?

– (31) Para que? Pois não basta persuadir a si mesmo? Pois às crianças, quando

¹⁴ Cf. D 1.18.15.

¹⁵ O verbo aqui é *agrypneo*.

¹⁶ A palavra é *eisagoge*, que significa “introdução” e dava título a várias obras de introdução à filosofia na Antiguidade.

¹⁷ O verbo é *kraugazo*, que significa “latir”, quando relativo aos cães; e “coaxar”, quando relativo às rãs.

¹⁸ Cf. D 1.9.20.

¹⁹ Cf. D 1.6.13.

²⁰ Cf. Platão, *Apologia*, 29–33; D 1.9.16.

vêm a nós, batendo palmas e dizendo “Hoje é a boa Saturnália!²¹”, dizemos: “A Saturnália não é boa”? De modo algum. Mas também nós aplaudimos. (32) Portanto, tu mesmo, quando não fores capaz de dissuadir²² alguém, sabe que ele é uma criança e aplaude-o. De resto, se não desejares <fazer> isso, guarda silêncio.

(33) É preciso lembrar-te dessas coisas e, ao perceberes uma dificuldade²³ tal, <é preciso lembrar> que é chegado o momento propício²⁴ para mostrares que foste instruído. (34) Pois o jovem, saindo da escola <e deparando-se> com a dificuldade, é semelhante a alguém que pratica a análise de silogismos²⁵ e que, quando lhe é proposto um silogismo de fácil solução, diz: “Propõe-me antes um silogismo composto de modo engenhoso para que eu me exercite”. Também aos atletas desagradam jovens de peso leve. (35) “Este não me levantará”, diz um <lutador>, “aquele, porém, é um jovem de bom porte”. Mas não, quando a ocasião²⁶ chamar, ser-te-á preciso chorar e dizer: “Desejava ainda aprender”. Quais coisas? Se não aprendes essas coisas para mostrá-las em ação, para que as aprendes?

(36) Penso que algum dos que estão aqui sentados padece de angústia sobre si mesmo e diz “A dificuldade não virá agora tal como veio a ele? Podendo ser eu coroadado em Olímpia, irei <,ao invés disso,> consumir meus dias sentado em agonia? Quando alguém me anunciará em tal competição?” Desse modo é preciso que todos vós sedes. Entre os gladiadores²⁷ de César, há alguns que se irritam porque ninguém os promove nem os põe em combate, e oram a Deus, e aproximam-se dos intendentessuplicando para lutar²⁸. Nenhum de vós parecerá tal?

(38) Queria navegar por isso²⁹ e ver o que faz meu atleta, como se ocupa do assunto, como põe em prática o material³⁰. (39) “Não quero <matéria> de tal qualidade”, diz alguém. Pois depende de ti tomar o material que desejas? Foi-te dado um corpo tal, tais pais, tais irmãos, tal pátria, tal posição nela. Então, vens a mim e dizes: “Muda para mim a matéria”. Não possuis meios, porém, para fazeres uso das

²¹ Cf. D 1.25.8.

²² O verbo aqui é *metapeitho*.

²³ *Peristasis*.

²⁴ *Kairos*.

²⁵ *Syllogismous analuein*: procedimento da lógica estoica pelo qual, com o intuito de demonstrar a validade, se reduz um argumento a outro considerado evidente por si mesmo.

²⁶ *Kairos*.

²⁷ Em grego, o termo para gladiador é *monomachos*.

²⁸ Sêneca refere-se a um gladiador que agia exatamente assim por não ser posto em combate (Cf. *Da providência*, 4).

²⁹ Isto é: navegar para Roma, por exemplo, para ver como seu aluno aplica a teoria à vida.

³⁰ *Hypothesis*: como observa Georg Long, aqui o termo significa “matéria sobre a qual se trabalha”, “material”, “tema” (Cf. D 2.5.11).

coisas dadas? (40) “Isso te é dado³¹, meu é praticar belamente³²”. Não <dizes isso>, mas isto: “Não proponhas esta proposição conjuntiva ou condicional³³ para mim, mas aquela; não me imponhas tal conclusão³⁴, mas aquela”. (41) Em breve chegará o tempo em que os atores trágicos pensarão ser eles mesmos as máscaras, as pantufas e as vestimentas cênicas. Homem, tu possuis essa matéria e esse material. (42) Fala algo para vermos se és ator trágico ou comediante: pois ambos têm as demais coisas em comum. (43) Por isso, se alguém tomasse daquele as pantufas e a máscara e o levasse para o palco como um espectro, seria destruído ou permaneceria o ator trágico? Se tivesse voz, permaneceria.

(44) Também aqui³⁵: “Toma o comando”. Tomo-o e, ao tomá-lo, mostro como o homem instruído vive. (45) “Tira a toga senatorial e, tomando nas mãos estes farrapos, aparece em tal papel”³⁶. E então? Não me foi dado apresentar uma bela voz? (46) “Como, pois, te apresentas agora?” Fui chamado como testemunha de Deus: (47) “Vem e testemunha por mim, pois tu tens valor para ir à frente como minha testemunha. Alguma coisa externa à capacidade de escolha é um bem ou um mal? (48) Eu firo alguém? Tornei algo que depende do outro útil para alguém que não do outro?” Que testemunho eu dou a Deus? “Estou em situação terrível, senhor, e desafortunado, ninguém se importa comigo, ninguém me dá nada, todos me recriminam, me difamam”. (49) Estás para testemunhar essas coisas e desonrar o chamado que ele te fez, porque ele te honrou dessa maneira e te considerou de valor para ir à frente com tão importante testemunho?

(50) Eis que se manifesta quem detém o poder e diz: “Julgo-te ímpio e sacrílego”. O que aconteceu?

– Fui julgado ímpio e sacrílego.

– (51) Nada mais?

– Nada.

³¹ Isto é: estabelecer o tema.

³² Isto é: fazer uso do que é dado.

³³ *Tropikon*: significa aqui *synemmenon e diezeugmenon axioma*. (Cf. SVF 2.77).

³⁴ *Epiphora*: conclusão de um silogismo (Cf. SVF 2.80; 3.269).

³⁵ Na vida real.

³⁶ No fragmento 174, Epicteto nos diz: *Não vês que nem com uma voz mais bela e com mais prazer Polos interpretava Édipo Rei ou Édipo em Colono, errante e mendicante? Ora, um homem nobre se apresentaria pior do que Polos, na medida em que não interpretasse belamente todo papel atribuído pela divindade? Não imitaria Odisseu, que em farrapos não se distinguiu menos que em espesso manto púrpura?* (Dinucci; Julien, 2008). Arriano inspirou-se em tal passagem para escrever o capítulo 17 do *Encheiridion*.

Se alguém decidisse sobre uma condicional³⁷ e declarasse que “É falso que se é dia, há luz”, o que aconteceria com a condicional? Quem aí seria julgado? Quem aí seria condenado? A condicional ou quem se enganou sobre ela?³⁸ (52) Então quem é este que detém o poder de declarar algo sobre ti³⁹? Sabe ele o que é pio e o ímpio? Praticou-o? Aprendeu-o? Onde? De quem? (53) Do mesmo modo, o músico não se importa com quem decide que a mais baixa corda da lira é a mais aguda; nem o geômetra, se alguém decidisse não serem iguais os raios do círculo. (54) Aquele que foi verdadeiramente instruído se importa quando o homem sem instrução decide algo sobre o que é sancionado pelos Deuses ou não, sobre o justo e o injusto? Ó grande injustiça dos não instruídos! Aprendeste essas coisas aqui?

(55) Não desejas largar os diminutos argumentos⁴⁰ sobre essas coisas para os outros, para os infelizes e diminutos homens, para que, sentando-se em um canto, recebam diminutas quantias⁴¹ ou emitam grunhidos⁴² porque ninguém lhes oferece nada? Tu <não queres> ir adiante e fazer uso das coisas que aprendeste? (56) Pois os diminutos argumentos não fazem falta agora – os livros dos estoicos estão cheios deles! Por conseguinte o que falta? Aquele que faz uso deles, aquele que, pela ação, dá testemunho dos argumentos. (57) Toma, por mim, nas mãos esse papel, para que não mais façamos uso de antigos exemplos na escola e tenhamos um exemplo de nosso tempo.

(58) De quem é o <ato de> contemplar essas coisas? Daquele que desfruta o ócio. Pois o homem é um animal amigo da contemplação. (59) Porém, é vergonhoso contemplá-las como servos fugitivos⁴³: é conveniente <fazê-lo> sem se deixar distrair, ouvindo ora o ator trágico, ora o guitarrista. Não como fazem aqueles que, ora parando e aplaudindo o ator trágico, ora olhando ao redor, de súbito se amedrontam e se inquietam quando alguém fala em alto e bom tom “senhor”. É vergonhoso também, para os filósofos, contemplar desse modo as obras da natureza. Pois quem é o senhor? O homem não é senhor do homem, mas a morte, a vida, o prazer e a dor. (61) Portanto, conduz César a mim sem essas coisas e vê como fico sereno. Entretanto, se vier com elas, trovejando e lançando raios, e se eu as temer, que faço senão, como um servo

³⁷ *Synemmenon*.

³⁸ Arriano inspirou-se nessa passagem para compor o capítulo 42 do *Encheiridion*.

³⁹ Cf. E 48b1; 50.

⁴⁰ *Logaria*.

⁴¹ Os diminutivos aqui têm evidente sentido pejorativo.

⁴² O verbo aqui é *gongryzo*.

⁴³ Pois estes, como observa Oldfather, estão sempre ressabiados, olhando para os lados por temerem a chegada repentina de seus senhores.

fugitivo, reconhecer meu senhor? (62) Contudo, na medida em que eu de algum modo recuar diante dessas coisas, também assistirei à peça teatral como o servo fugitivo. Banho-me, bebo, canto, mas tudo com medo e infelicidade. Todavia, se eu me livrar dos déspotas⁴⁴, isto é, daquelas coisas pelas quais os déspotas são temíveis, qual problema ainda terei? Que mestre terei ainda?

– (64) E então? É preciso proclamar isso para todos?

– Não, mas <é preciso> conviver com os homens sem instrução e dizer: “Ele aconselhou-me aquilo que para ele parece um bem: eu o perdoo⁴⁵”. (65) Pois também Sócrates perdoou o guardião que chorava quando estava a ponto de beber a droga⁴⁶, e disse: “Nobrememente chora ele por nós”⁴⁷. (66) Disse a ele que “Por isso nos livramos das mulheres”? Não, mas <disse isso> aos conhecidos, aos capazes de entender essas coisas. Acomodou-se, porém, ao guardião como a uma criança.

Diatrise 1.30 – O que é preciso ter à mão nas dificuldades?

(1) Quando fores ter com algum dos proeminentes⁴⁸, lembra que também outro⁴⁹, do alto, observa os acontecimentos, e é preciso antes agradar este que aquele.

(2) Então Deus indaga:

– O que dizias na escola serem o exílio, a prisão, cadeias, morte e má reputação?

– Eu dizia <serem> indiferentes.

– (3) Como os chamas agora? Eles não mudaram de posição?

– Não.

– Tu não mudaste de posição?

– Não.

– Diz-me, pois, o que são os indiferentes.

– Coisas que não são passíveis de escolha.

– E qual a consequência disso?

– Coisas que não são passíveis de escolha nada são para mim.

– (4) Diz-me o que pensavas serem os bens para vós.

– Capacidade de escolha de certa qualidade e uso devido das representações.

⁴⁴ O termo aqui é *despotes*, que significa primariamente “mestre”, “senhor”.

⁴⁵ *Syngignosko autoi*.

⁴⁶ *Pharmakon*: Epicteto refere-se à cicuta.

⁴⁷ Cf. Platão, *Fédon*, 116d- 117d.

⁴⁸ Cf. E 33.13.

⁴⁹ Deus. Cf. D 1.25.13.

- E qual o fim?
- Seguir-te.
- (5) Agora também dizes essas coisas?
- Agora também digo essas coisas.

Assim, entra, com confiança e lembrando-te delas, e verás o que é um jovem que praticou o que é preciso na presença de homens despreparados. (6) Eu, pelos Deuses, imagino⁵⁰ que sentirás o seguinte: “Por que nos preparamos por tanto tempo e tão intensamente? É isso o que eles chamam poder? É esse o pórtico? Esses os camareiros? Esses os homens armados com adagas? Em razão disso ouvi tantos discursos? Tudo isso é nada: estou preparado para coisas grandes”.

κθ'. Περὶ εὐσταθείας.

(1.29.1) Οὐσία τοῦ ἀγαθοῦ προαίρεσις ποιὰ, τοῦ κακοῦ προαίρεσις ποιὰ.
 (1.29.2) τί οὖν τὰ ἐκτός; ὕλαι τῆ προαιρέσει, περὶ ἧς ἀναστρεφομένη τεύξεται τοῦ ἰδίου ἀγαθοῦ ἢ κακοῦ. (1.29.3) πῶς τοῦ ἀγαθοῦ τεύξεται; ἂν τὰς ὕλας μὴ θαυμάσῃ. τὰ γὰρ περὶ τῶν ὑλῶν δόγματα ὀρθὰ μὲν ὄντα ἀγαθὴν ποιεῖ τὴν προαίρεσιν, στρεβλὰ δὲ καὶ διεστραμμένα κακὴν. (1.29.4) τοῦτον τὸν νόμον ὁ θεὸς τέθεικεν καὶ φησὶν ‘εἰ τι ἀγαθὸν θέλεις, παρὰ σεαυτοῦ λάβε’. σὺ λέγεις ‘οὐ· ἀλλὰ παρ’ ἄλλου’. μή, ἀλλὰ παρὰ σεαυτοῦ. (1.29.5) λοιπὸν ὅταν ἀπειλῆ ὁ τύραννος καὶ μὴ καλῆ, λέγω ‘τὶνι ἀπειλεῖ;’ ἂν λέγῃ ‘δήσω σε’, φημί ὅτι ‘ταῖς χερσὶν (1.29.6) ἀπειλεῖ καὶ τοῖς ποσίν’. ἂν λέγῃ ‘τραχηλοκοπήσω σε’, λέγω ‘τῷ τραχήλῳ ἀπειλεῖ’. ἂν λέγῃ ‘εἰς φυλακὴν σε βαλῶ’, ‘ὄλω τῷ σαρκιδίῳ’. κὰν ἐξορισμὸν ἀπειλῆ, τὸ (1.29.7) αὐτό. { – } Σοὶ οὖν οὐδὲν ἀπειλεῖ; { – } Εἰ πέπονθα ὅτι ταῦτα οὐδὲν ἐστὶ πρὸς ἐμέ, οὐδὲν· εἰ δὲ φοβοῦμαι τι (1.29.8) τούτων, ἐμοὶ ἀπειλεῖ. τίνα λοιπὸν δέδοικα; τὸν τίνων ὄντα κύριον; τῶν ἐπ’ ἐμοί; οὐδὲ εἷς ἐστίν. τῶν οὐκ ἐπ’ ἐμοί; καὶ τί μοι αὐτῶν μέλει; (1.29.9) Ὑμεῖς οὖν οἱ φιλόσοφοι διδάσκετε καταφρονεῖν τῶν βασιλέων; { – } Μὴ γένοιτο. τίς ἡμῶν διδάσκει ἀντιποιεῖσθαι πρὸς αὐτούς, (1.29.10) ὧν ἐκεῖνοι ἔχουσιν ἐξουσίαν; τὸ σωματίον λάβε, τὴν κτῆσιν λάβε, τὴν φήμην λάβε, τοὺς περὶ ἐμέ λάβε. ἂν τινὰς τούτων ἀναπειθῶ ἀντιποιεῖσθαι, (1.29.11) τῷ ὄντι ἐγκαλεῖται μοι. ‘ναί· ἀλλὰ καὶ τῶν δογμάτων ἄρχειν θέλω.’ καὶ τίς σοι ταύτην τὴν ἐξουσίαν δέδωκεν; (1.29.12) ποῦ δύνασαι νικῆσαι δόγμα ἀλλότριον; ‘προσάγων’, φησὶν, ‘αὐτῷ φόβον νικήσω.’ ἀγνοεῖς ὅτι αὐτὸ αὐτὸ ἐνίκησεν, οὐχ ὑπ’ ἄλλου ἐνίκηθη·

⁵⁰ O verbo aqui é *phantázō*.

προαίρεσιν δὲ οὐδὲν (1.29.13) ἄλλο νικῆσαι δύνανται, πλὴν αὐτὴ ἐαυτήν. διὰ τοῦτο καὶ ὁ τοῦ θεοῦ νόμος κράτιστός ἐστι καὶ δικαιοτάτος· τὸ (1.29.14) κρεῖσσον ἀεὶ περιγινέσθω τοῦ χειρόνος. ‘κρείττονές εἰσιν οἱ δέκα τοῦ ενός.’ πρὸς τί; πρὸς τὸ δῆσαι, πρὸς τὸ ἀποκτεῖναι, πρὸς τὸ ἀπαγαγεῖν ὅπου θέλουσιν, πρὸς τὸ ἀφελῆσθαι τὰ ὄντα. νικῶσιν τοίνυν οἱ δέκα τὸν ἕνα (1.29.15) ἐν τούτῳ, ἐν ᾧ κρεῖσσονές εἰσιν. ἐν τίνι οὖν χειρόνές εἰσιν; ἂν ὁ μὲν ἔχη δόγματα ὀρθά, οἱ δὲ μή. τί οὖν; ἐν τούτῳ δύνανται νικῆσαι; πόθεν; εἰ δ’ ἰστάμεθα ἐπὶ ζυγοῦ, οὐκ ἔδει τὸν βαρύτερον καθελκύσαι; (1.29.16) Σωκράτης οὖν ἵνα πάθῃ ταῦτα ὑπ’ Ἀθηναίων; { – } Ἀνδράποδον, τί λέγεις τὸ Σωκράτης; ὡς ἔχει τὸ πρᾶγμα λέγε· ἴν’ οὖν τὸ Σωκράτους σωματίον ἀπαχθῆ καὶ συρῆ ὑπὸ τῶν ἰσχυροτέρων εἰς δεσμοτήριον καὶ κώνειόν τις (1.29.17) δῶ τῷ σωματίῳ τῷ Σωκράτους κάκεῖνο ἀποψυγῆ; ταῦτά σοι φαίνεται θαυμαστά, ταῦτα ἄδικα, ἐπὶ τούτοις ἐγκαλεῖς τῷ θεῷ; οὐδὲν οὖν εἶχε Σωκράτης ἀντὶ τούτων; (1.29.18) ποῦ ἦν ἡ οὐσία αὐτῷ τοῦ ἀγαθοῦ; τίνι προ<ς>σχῶμεν; σοὶ ἢ αὐτῷ; καὶ τί λέγει ἐκεῖνος; ‘ἐμὲ δ’ Ἄνυτος καὶ Μέλητος ἀποκτεῖναι μὲν δύνανται, βλάψαι δ’ οὐ’. καὶ πάλιν ‘εἰ ταύτη τῷ θεῷ φίλον, ταύτη γινέσθω’. (1.29.19) ἀλλὰ δεῖξον ὅτι χειρόνα ἔχων δόγματα κρατεῖ τοῦ κρείττονος ἐν δόγμασιν. οὐ δεῖξεις· οὐδ’ ἐγγύς. νόμος γὰρ τῆς φύσεως. καὶ τοῦ θεοῦ οὗτος τὸ κρεῖσσον ἀεὶ περιγινέσθω τοῦ χειρόνος. ἐν τίνι; ἐν ᾧ (1.29.20) κρεῖσσόν ἐστιν. σῶμα σώματος ἰσχυρότερον, οἱ πλείονες (1.29.21) τοῦ ενός, ὁ κλέπτης τοῦ μὴ κλέπτου. διὰ τοῦτο κἀγὼ τὸν λύχον ἀπώλεσα, ὅτι ἐν τῷ ἀγρυπνεῖν μου κρεῖσσων ἦν ὁ κλέπτης. ἀλλ’ ἐκεῖνος τοσοῦτου ὠνήσατο λύχον· ἀντὶ λύχου κλέπτης ἐγένετο, ἀντὶ λύχου ἄπιστος, (1.29.21) ἀντὶ λύχου θηριώδης. τοῦτο ἔδοξεν αὐτῷ λυσιτελεῖν. (1.29.22) Ἔστω· ἀλλ’ εἴληπταί μου τις τοῦ ἱματίου καὶ ἔλκει μ’ εἰς τὴν ἀγοράν, εἶτα ἐπικραυγάζουσιν ἄλλοι ‘φιλόσοφε, τί σε ὠφέληκε τὰ δόγματα; ἰδοὺ σύρη εἰς τὸ (1.29.23) δεσμοτήριον, ἰδοὺ μέλλεις τραχηλοκοπεῖσθαι’. καὶ ποῖαν ἔπραξα ἂν εἰσαγωγήν, ἴν’, ἂν ἰσχυρότερος ἐπιλάβηταί μου τοῦ ἱματίου, μὴ σύρωμαι; ἵνα, ἂν με δέκα περισπάσαντες εἰς τὸ δεσμοτήριον ἐμβάλωσιν, μὴ ἐμβληθῶ (1.29.24); ἄλλο οὖν οὐδὲν ἔμαθον; ἔμαθον, ἵνα· πᾶν τὸ γινόμενον ἴδω ὅτι, ἂν ἀπροαίρετον ἦ, οὐδὲν (1.29.25) ἐστὶ πρὸς ἐμέ. πρὸς τοῦτο οὖν οὐκ ὠφέλησαι; τί οὖν (1.29.26) ἐν ἄλλῳ ζητεῖς τὴν ὠφέλειαν ἢ ἐν ᾧ ἔμαθες; καθήμενος λοιπὸν ἐν τῇ φυλακῇ λέγω ‘οὗτος ὁ ταῦτα κραυγάζων οὔτε τοῦ σηματομένου ἀκούει οὔτε τῷ λεγομένῳ παρακολουθεῖ οὔτε ὄλως μεμέληκεν αὐτῷ εἰδέναι περὶ τῶν (1.29.26) φιλοσόφων τί λέγουσιν ἢ τί ποιοῦσιν. ἄφες αὐτόν.’ (1.29.27) ‘ἀλλ’ ἐξελθε πάλιν ἀπὸ τῆς φυλακῆς.’ εἰ μηκέτι χρεῖαν ἔχητέ μου ἐν τῇ φυλακῇ, ἐξέρχομαι· ἂν πάλιν σχῆτε, (1.29.28) εἰσελεύσομαι. μέχρι τίνος; μέχρις ἂν οὐ λόγος αἰρῆ συνειναί με τῷ σωματίῳ· ὅταν δὲ μὴ αἰρῆ, λάβετε αὐτὸ (1.29.29) καὶ ὑγιαίνετε.

μόνον μὴ ἀλογίστως, μόνον μὴ μαλακῶς, μὴ ἐκ τῆς τυχούσης προφάσεως. πάλιν γὰρ ὁ θεὸς οὐ βούλεται· χρεῖαν γὰρ ἔχει κόσμου τοιούτου, τῶν ἐπὶ γῆς ἀναστρεφομένων τοιούτων. ἐὰν δὲ σημήνη τὸ ἀνακλητικὸν ὡς τῷ Σωκράτει, πείθεσθαι δεῖ τῷ σημαίνοντι ὡς στρατηγῷ. (1.29.30) Τί οὖν; λέγειν δεῖ ταῦτα πρὸς τοὺς πολλούς; { – } Ἴνα (1.29.31) τί; οὐ γὰρ ἀρκεῖ τὸ αὐτὸν πείθεσθαι; τοῖς γὰρ παιδίοις, ὅταν προσελθόντα κροτῆ καὶ λέγη ‘σήμερον Σατορνάλια ἀγαθὰ’, λέγομεν ‘οὐκ ἔστιν ἀγαθὰ ταῦτα’; οὐδαμῶς; (1.29.32) ἀλλὰ καὶ αὐτοὶ ἐπικροτοῦμεν. καὶ σὺ τοίνυν, ὅταν μεταπεῖσαι τινα μὴ δύνῃ, γίγνωσκε ὅτι παιδίον ἐστὶ καὶ ἐπικρότει αὐτῷ· ἂν δὲ μὴ τοῦτο θέλη<ς>, σιώπα λοιπόν. (1.29.33) Τούτων δεῖ μεμνησθαι καὶ κληθέντα εἰς τινα τοιαύτην περίστασιν εἰδέναι, ὅτι ἐλήλυθεν ὁ καιρὸς τοῦ ἀποδειξαι, (1.29.34) εἰ πεπαιδευμέθα. νέος γὰρ ἀπὸ σχολῆς ἀπιὼν εἰς περίστασιν ὁμοίος ἐστὶ τῷ μεμελετηκότι συλλογισμοὺς ἀναλύειν, κἂν τις εὐλυτον αὐτῷ προτείνῃ, λέγει ‘μᾶλλον μοι πεπλεγμένον κομπῶς προτείνατε, ἴνα γυμνασθῶ’. (1.29.34) καὶ οἱ ἀθληταὶ τοῖς κούφοις νεανίσκοις δυσαρεστοῦσιν· (1.29.35) ‘οὐ βαστάζει με’, φησίν. οὗτός ἐστιν εὐφυῆς νέος. οὐ· ἀλλὰ καλέσαντος τοῦ καιροῦ κλάειν δεῖ καὶ λέγειν ‘ἤθελον ἔτι μαθάνειν’. τίνα; εἰ ταῦτα οὐκ ἔμαθες [οὐχ] ὥστ’ ἔργω δεῖξαι, (1.29.36) πρὸς τί αὐτὰ ἔμαθες; ἐγὼ τινα οἶμαι τῶν καθημένων ἐνταῦθα ὠδίνειν αὐτὸν ἐφ’ ἑαυτοῦ καὶ λέγειν ‘ἐμοὶ νῦν περίστασιν μὴ ἔρχεσθαι τοιαύτην, ὅποια τούτῳ ἐλήλυθεν; ἐμὲ νῦν κατατριβῆναι καθήμενον ἐν γωνίᾳ δυνάμενον στεφανωθῆναι Ὀλύμπια; πότε τις ἐμοὶ καταγγελεῖ τοιοῦτον ἀγῶνα;’ οὕτως (1.29.37) ἔχειν ἔδει πάντα ὑμᾶς. ἀλλ’ ἐν μὲν τοῖς Καίσαρος μονομάχοις εἰσὶ τινες οἱ ἀγανακτοῦντες ὅτι οὐδεὶς αὐτοὺς προάγει οὐδὲ ζευγνύει καὶ εὐχονται τῷ θεῷ καὶ προσέρχονται τοῖς ἐπιτρόποις δεόμενοι μονομαχῆσαι, ἐξ ὑμῶν (1.29.38) δ’ οὐδεὶς φανήσεται τοιοῦτος; ἤθελον πλεῦσαι ἐπ’ αὐτὸ τοῦτο καὶ ἰδεῖν, τί μου ποιεῖ ὁ ἀθλητής, πῶς μελετᾷ (1.29.39) τὴν ὑπόθεσιν. ‘οὐ θέλω’, φησίν, ‘τοιαύτην’. ἐπὶ σοὶ γὰρ ἐστὶ λαβεῖν ἣν θέλεις ὑπόθεσιν; δέδοται σοὶ σῶμα τοιοῦτον, γονεῖς τοιοῦτοι, ἀδελφοὶ τοιοῦτοι, πατρὶς τοιαύτη, τάξις ἐν αὐτῇ τοιαύτη· εἴτά μοι λέγεις ἐλθὼν ‘ἄλλαξόν μοι τὴν ὑπόθεσιν’. εἴτα οὐκ ἔχεις ἀφορμὰς (1.29.40) πρὸς τὸ χρήσασθαι <τοῖς> δοθεῖσιν; σὸν ἐστὶ προτείνειν, ἐμὸν μελετῆσαι καλῶς. οὐ· ἀλλὰ ‘μὴ τοιοῦτό μοι προβάλῃς τροπικόν, ἀλλὰ τοιοῦτον· μὴ τοιαύτην ἐπενέγκῃς (1.29.41) τὴν ἐπιφοράν, ἀλλὰ τοιαύτην.’ ἔσται χρόνος τάχα, ἐν ᾧ οἱ τραγωδοὶ οἰήσονται ἑαυτοὺς εἶναι προσωπεῖα καὶ ἐμβάδας καὶ τὸ σύρμα. ἄνθρωπε, ταῦτα ὕλην ἔχεις καὶ (1.29.42) ὑπόθεσιν. φθέγγει τι, ἵνα εἰδῶμεν πότερον τραγωδὸς εἶ ἢ γελωτοποιός; κοινὰ γὰρ ἔχουσι τὰ ἄλλα ἀμφοτέροι. (1.29.43) διὰ τοῦτο ἂν ἀφέλῃ τις αὐτοῦ καὶ τὰς ἐμβάδας καὶ τὸ προσωπεῖον καὶ ἐν εἰδώλῳ αὐτὸν προαγάγῃ, ἀπόλετο ὁ τραγωδὸς ἢ μένει; ἂν φωνὴν ἔχῃ, μένει. (1.29.44) Καὶ ἐνθάδε. ‘λάβε ἡγεμονίαν.’

λαμβάνω καὶ λαβὼν δεικνύω, πῶς ἄνθρωπος ἀναστρέφεται πεπαιδευμένος. (1.29.45) ἴθες τὴν πλατύσημον καὶ ἀναλαβὼν ῥάκη πρόσελθε ἐν προσώπῳ τοιούτῳ. τί οὖν; οὐ δέδοται μοι καλὴν φωνὴν εἰσενεγκεῖν; (1.29.46) ἴπῳ οὖν ἀναβαίνεις νῦν; ὡς μάρτυς (1.29.47) ὑπὸ τοῦ θεοῦ κεκλημένος. ἔρχου σὺ καὶ μαρτύρησόν μοι· σὺ γὰρ ἄξιός ἐστι προαχθῆναι μάρτυς. ὑπὲρ ἐμοῦ. Μὴ τι τῶν ἐκτὸς τῆς προαιρέσεως ἀγαθὸν ἐστὶν ἢ κακόν; μὴ τίνα βλάπτω; μὴ τι ἐπὶ ἄλλῳ τὴν ὠφέλειαν ἐποίησα (1.29.48) τὴν ἐκάστου ἢ ἐπὶ αὐτῷ; τίνα μαρτυρίαν δίδωσ τῷ θεῷ; ἐν δεινοῖς εἰμι, κύριε, καὶ δυστυχῶ, οὐδεὶς μου ἐπιστρέφεται, οὐδεὶς μοι δίδωσιν οὐδέν, πάντες ψέγουσιν, (1.29.49) κακολογοῦσιν. ταῦτα μέλλεις μαρτυρεῖν καὶ καταισχύνειν τὴν κλῆσιν ἣν κέκληκεν, ὅτι σε ἐτίμησεν ταύτην τὴν τιμὴν καὶ ἄξιον ἡγήσατο προσαγαγεῖν εἰς μαρτυρίαν τηλικαύτην; (1.29.50) Ἄλλ' ἀπεφήνατο ὁ ἔχων τὴν ἐξουσίαν ἴκρινω σε ἀσεβῆ καὶ ἀνόσιον εἶναι. τί σοι γέγονεν; ἐκρίθη ἀσεβῆς (1.29.51) καὶ ἀνόσιος εἶναι. ἄλλο οὐδέν; οὐδέν. εἰ δὲ περὶ συνημμένου τινὸς ἐπικεκρίκει καὶ ἐδεδώκει ἀπόφασιν ἴτὸ ἡμέρα ἐστίν, φῶς ἐστὶν κρινῶ ψεῦδος εἶναι, τί ἐγεγόνει τῷ συνημμένῳ; τίς ἐνθάδε κρίνεται, τίς κατακέκριται; τὸ συνημμένον ἢ ὁ ἐξαπατηθεὶς περὶ αὐτοῦ; (1.29.52) οὗτος οὖν τίς ποτε ὁ ἔχων ἐξουσίαν τοῦ ἀποφήνασθαί τι περὶ σοῦ; οἶδεν τί ἐστὶ τὸ εὐσεβές ἢ τὸ ἀσεβές; μεμελέτηκεν αὐτό; μεμάθηκεν; ποῦ; παρὰ τίνι; (1.29.53) εἶτα μουσικὸς μὲν οὐκ ἐπιστρέφεται αὐτοῦ ἀποφαινομένου περὶ τῆς νήτης ὅτι ἐστὶν ὑπάτη οὐδὲ γεωμετρικός, ἀν ἐπικρίνη τὰς ἀπὸ κέντρου πρὸς τὸν κύκλον (1.29.54) προσπιπτούσας μὴ εἶναι ἴσας· ὁ δὲ ταῖς ἀληθείαις πεπαιδευμένος ἄνθρωπος ἀπαιδευτοῦ ἐπιστραφήσεται ἐπικρίνοντός τι περὶ ὀσίου καὶ ἀνοσίου καὶ ἀδίκου καὶ δικαίου; (1.29.54) ὦ πολλῆς ἀδικίας τῶν πεπαιδευμένων. ταῦτα οὖν (1.29.55) ἔμαθες ἐνταῦθα; οὐ θέλεις τὰ μὲν λογάρια τὰ περὶ τούτων ἄλλοις ἀφεῖναι, ἀταλαιπώροις ἀνθρωπαρίοις, ἴν' ἐν γωνία καθεζόμενοι μισθάρια λαμβάνωσιν ἢ γογγ[ρ]ύζωσιν, ὅτι οὐδεὶς αὐτοῖς παρέχει οὐδέν, σὺ δὲ χρῆσθαι (1.29.56) παρελθὼν οἷς ἔμαθες; οὐ γὰρ λογάριά ἐστι τὰ λείποντα νῦν, ἀλλὰ γέμει τὰ βιβλία τῶν Στωικῶν λογαρίων. Τί οὖν τὸ λείπόν ἐστίν; ὁ χρησόμενος, ὁ ἔργῳ μαρτυρήσων (1.29.57) τοῖς λόγοις. τοῦτό μοι τὸ πρόσωπον ἀνάλαβε, ἵνα μηκέτι παλαιοῖς ἐν τῇ σχολῇ παραδείγμασι χρώμεθα, ἀλλὰ (1.29.58) ἔχωμέν τι καὶ καθ' ἡμᾶς παράδειγμα. ταῦτα οὖν τίνοσ ἐστὶ θεωρεῖν; τοῦ σχολάζοντος. ἔστι γὰρ φιλοθέωρόν (1.29.59) τι ζῶον ὁ ἄνθρωπος. ἀλλ' αἰσχροὺν ἐστὶ θεωρεῖν ταῦτα οὕτως ὡς οἱ δραπεταὶ· ἀλλ' ἀπερισπάστως καθῆσθαι καὶ ἀκούειν νῦν μὲν τραγωδοῦ νῦν δὲ κιθαρωδοῦ, οὐχ ὡς ἐκεῖνοι ποιοῦσιν. ἅμα μὲν ἐπέστη καὶ ἐπήνεσεν τὸν (1.29.59) τραγωδόν, ἅμα δὲ περιεβλέψατο· εἶτα ἂν τις φθέγγεται κύριον, (1.29.60) εὐθὺς σεσόβηται, ταρασσονται. αἰσχροὺν ἐστὶν οὕτως καὶ τοὺς φιλοσόφους θεωρεῖν τὰ ἔργα τῆς φύσεως. Τί γὰρ ἐστὶ κύριος; ἄνθρωπος ἄνθρωπου

κύριος οὐκ ἔστιν, (1.29.61) ἀλλὰ θάνατος καὶ ζωὴ καὶ ἡδονὴ καὶ πόνος. ἐπεὶ χωρὶς τούτων ἄγαγέ μοι τὸν Καίσαρα καὶ ὄψει πῶς εὐσταθῶ. ὅταν δὲ μετὰ τούτων ἔλθῃ βροντῶν καὶ ἀστράπτων, ἐγὼ δὲ ταῦτα φοβῶμαι, τί ἄλλο ἢ ἐπέγνωκα τὸν κύριον (1.29.62) ὡς ὁ δραπέτης; μέχρι δ' ἂν οὗ τινα ἀνοχὴν ἀπὸ τούτων ἔχω, ὡς δραπέτης ἐφίσταται θεάτρῳ οὕτως κἀγὼ· λούομαι, πίνω, ἄδω, πάντα δὲ μετὰ φόβου καὶ ταλαιπωρίας. (1.29.63) ἐὰν δ' ἐμαυτὸν ἀπολύσω τῶν δεσποτῶν, τοῦτ' ἔστιν ἐκείνων, δι' ἃ οἱ δεσπότες εἰσὶ φοβεροί, ποῖον ἔτι πρᾶγμα ἔχω, ποῖον ἔτι κύριον; (1.29.64) Τί οὖν; κηρύσσειν δεῖ ταῦτα πρὸς πάντας; { – } Οὐ, ἀλλὰ τοῖς ιδιώταις συμπεριφέρεσθαι καὶ λέγειν 'οὗτος ὁ αὐτῶ ἀγαθὸν οἶεται τοῦτο κάμοι συμβουλεύει' (1.29.65) συγγιγνώσκω αὐτῶ.' καὶ γὰρ Σωκράτης συνεγίγνωσκεν τῶ ἐπὶ τῆς φυλακῆς κλάοντι, ὅτι ἔμελλεν πίνειν τὸ φάρμακον, καὶ λέγει 'ὡς γενναίως ἡμᾶς ἀποδεδάκρυκεν'. (1.29.66) μὴ τι οὖν ἐκείνῳ λέγει ὅτι 'διὰ τοῦτο τὰς γυναῖκας ἀπελύσαμεν'; ἀλλὰ τοῖς γνωρίμοις, τοῖς δυναμένοις αὐτὰ ἀκοῦσαι· ἐκείνῳ δὲ συμπεριφέρεται ὡς παιδίῳ.

1.30.t.1: λ'. Τί δεῖ πρόχειρον ἔχειν ἐν ταῖς περιστάσεσιν.

(1.30.1) Ὅταν εἰσῆς πρὸς τινα τῶν ὑπερεχόντων, μέμνησο ὅτι καὶ ἄλλος ἄνωθεν βλέπει τὰ γινόμενα καὶ ὅτι (1.30.2) ἐκείνῳ σε δεῖ μᾶλλον ἀρέσκειν ἢ τοῦτῳ. ἐκεῖνος οὖν σου πυνθάνεται 'φυγὴν καὶ φυλακὴν καὶ δεσμὰ καὶ θάνατον καὶ ἀδοξίαν τί ἔλεγες ἐν τῇ σχολῇ;' 'ἐγὼ ἀδιάφορα.' (1.30.3) 'νῦν οὖν τίνα αὐτὰ λέγεις; μὴ τι ἐκεῖνα ἠλλάγη;' 'οὐ.' 'σὺ οὖν ἠλλάγη;' 'οὐ.' 'λέγε οὖν τίνα ἐστὶν ἀδιάφορα.' <'τὰ ἀπροαίρετα.> 'λέγε καὶ τὰ ἐξῆς.' (1.30.4) 'ἀπροαίρετα οὐδὲν πρὸς ἐμέ.' 'λέγε καὶ τὰ ἀγαθὰ τίνα ὑμῖν ἐδόκει;' 'προαίρεσις οἷα δεῖ καὶ χρῆσις ἀντασιῶν.' 'τέλος δὲ τί;' 'τὸ σοὶ ἀκολουθεῖν.' (1.30.5) 'ταῦτα καὶ νῦν λέγεις;' 'ταῦτα καὶ νῦν λέγω.' ἅπ[ε]ιθι λοιπὸν ἔσω θαρρῶν καὶ μεμνημένος τούτων καὶ ὄψει τί ἐστὶ νέος μεμελετηκῶς ἢ δεῖ ἐν ἀνθρώποις ἀμελετήτοις. (1.30.6) ἐγὼ μὲν νῆ τοὺς θεοὺς φαντάζομαι ὅτι πείση τὸ τοιοῦτον 'τί οὕτως μεγάλα καὶ πολλὰ παρασκευαζόμεθα (1.30.7) πρὸς τὸ μηδέν; τοῦτο ἦν ἡ ἐξουσία; τοῦτο τὰ πρόθυρα, οἱ κοιτωνῆται, οἱ ἐπὶ τῆς μαχαίρας; τούτων ἔνεκα τοὺς πολλοὺς λόγους ἤκουον; ταῦτα οὐδὲν ἦν, ἐγὼ δ' ὡς μεγάλα παρεσκευαζόμην.'

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DINUCCI, A.; JULIEN, A. *O Encheiridion de Epicteto*. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2014.
- DINUCCI, A. Fragmentos menores de Caio Musônio Rufo; Gaius Musonius Rufus *Fragmenta Minora*. IN: *Trans/Form/Ação* vol.35 n.3 Marília, 2012.
- DINUCCI, A. Diatribes 12 e 13 de Musônio Rufo: Sobre coisas relativas a Afrodite e casamento. IN: *Revista Crítica Histórica*, v. 7, p. 348, 2013. Disponível em: http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/index.php?option=com_content&view=article&id=178:diatribes12e13demusoniorufo&catid=87:documentacao&Itemid=63
- DINUCCI, Aldo. Apresentação e tradução da Diatribe 1.1 de Epicteto. IN: *Revista ARCHAI. As origens do pensamento ocidental*, v. 13, p. 143-157, 2014. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/archai/article/view/11000>
- DINUCCI, Aldo. Apresentação e tradução da Diatribe de Epicteto 1.8. IN: *Prometeus. Filosofia em Revista*, v. 7, p. 289-295, 2014. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/2845>
- DINUCCI, Aldo. Tradução e comentário à Diatribe de Epicteto 1.2: como manter o caráter próprio em todas as ocasiões. IN: *Veredas da História*, v. 5, p. 197-208, 2012. Disponível em: http://veredasdahistoria.kea.kinghost.net/edicao8/15_TRADUCAO_COMENTADA_197-208.pdf
- DINUCCI, A. *Introdução ao Manual de Epicteto*. 3 ed. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.
- DINUCCI, A. L.; BRITO, R. P. Tradução e Apresentação da Diatribe de Epicteto 1.5. IN: *Revista de Filosofia Antiga (USP. Ed. português)*, v. 8, p. 116, 2014. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/filosofiaantiga/article/view/81223/pdf_12
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Lives of Eminent Philosophers, vol. I, II*. Trad. R. D. Hicks. Harvard: Loeb Classical Library, 1925.
- EPICTETO. *Entretiens. Livre I*. Trad. Joseph Souilhé. Paris: Les Belles Lettres, 1956.
- EPICTETO. *Epictetus Discourses book I*. Trad. Dobbin. Oxford: Clarendon, 2008.
- EPICTETO. *O Encheiridion de Epicteto. Edição Bilingue*. Trad. Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.
- EPICTETO. *Testemunhos e Fragmentos*. Trad. Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS, 2008.

EPICTETUS. *The Discourses of Epictetus as reported by Arrian; Fragments; Encheiridion*. Trad. Oldfather. Harvard: Loeb, 1928.

HORÁCIO. *Satires, Epistles, Ars Poetica*. Trad. H. R. Fairclough. Harvard: Loeb, 1926.

LONG, Georg. *Discourses of Epictetus, with Encheiridion and fragments*. Londres: Georg Bell and sons, 1890.